

Do espanhol ao português: por uma tradução funcional dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto

From Spanish to Portuguese: for a functional translation of the past perfect simple and perfect compound

*Denísia Kênia Feliciano Duarte**

*Marluce Coan***

*Valdecy de Oliveira Pontes****

RESUMO: Neste artigo, abordamos a tradução dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto do Espanhol ao Português, conjugando pressupostos advindos da tradução funcional, do Funcionalismo linguístico e da metodologia de sequência didática. Aplicamos a dois grupos de estudantes de Espanhol, falantes nativos de Português, a metodologia de sequência didática à tradução de um fragmento do conto “¡Diles que no me maten!”, de Juan Rulfo. Após contato prévio com o conto, os alunos procederam à primeira tradução; seguiram-se módulos referentes aos valores temporais, aspectuais e modais dos pretéritos sob análise; por fim, houve a segunda tradução. Os dados das duas traduções foram comparados visando a demonstrar que conhecimentos adquiridos sobre os valores temporais, aspectuais e modais, durante a sequência didática, permitiram aos alunos aprimoramento da tradução, tornando o texto meta o mais próximo possível do texto base. Verificamos, outrossim, que equívocos de tradução decorrem,

ABSTRACT: For this research the translation of past perfect simple and simple compound from Spanish to Portuguese are addressed by taking into consideration the assumptions of functional translation, linguistic functionalism and the instructional sequencing methodology. The investigation was conducted with two groups of Spanish learners, native speakers of Portuguese, by applying the instructional sequencing methodology to translate a fragment of the short story “¡Diles que no me maten!” by Juan Rulfo. After a previous reading, the learners proceeded to the translation. The first translation was followed by an explanation of the modules of time, aspect and modal values of the past tenses. Finally, a second translation was proposed. The data that emerged from the two translations were compared. The comparison of the two translations demonstrate that the knowledge acquired with the explanation of the modules of time, aspect and modal values of the past tenses during the instructional sequencing

* Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará (UFC). denisaduarte@gmail.com

** Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL/UFSC). Professora PPGL/UFC. Bolsista de produtividade do CNPq – 2. coanmalu@ufc.br

*** Doutor em Linguística (UFC). Professor Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL/UFC). valdecy.pontes@ufc.br

basicamente, do fato de os estudantes, na tradução do pretérito perfeito composto do Espanhol ao simples do Português, não inserirem marcadores temporais, não optarem por perífrases imperfectivas e desconsiderarem possibilidade de interpretação irrealis.

methodology allowed students to improve the translation, having as a result, the meta text as close as possible to the base text. Also, the research identified that the translation mistakes mostly occur due to the fact that learners do not include temporal markers, choose not to use imperfective periphrases, and disregard the possibility of unrealistic interpretation when translating the perfect compound tense from Spanish to Portuguese.

PALAVRAS-CHAVE: Pretérito perfeito simples. Pretérito perfeito composto. Tempo. Aspecto. Modalidade. Tradução funcionalista.

KEYWORDS: Simple past. Past perfect compound. Time. Aspect. Modality. Functionalist translation.

1. Introdução

Ao considerarmos tradução como temática, seja em pesquisa, seja em ensino, há sempre diversos questionamentos acerca de sua eficiência como estratégia pedagógica, principalmente pela superficialidade com que se tem tratado a noção de equivalência. Pontes, Coan e Souza (2015) destacam bem esse problema, sugerindo ao tradutor que considere estudos de outras áreas do conhecimento, para que possa fazer ajustes necessários à língua de chegada. Os autores destacam a necessidade de serem considerados, dentre outros, fatores de diferenciação social, regional, étnica e geográfica.

A proposta dos autores foi mote para nossa pesquisa, que alinha pressupostos advindos de três referenciais. Qualquer conjugação teórica poderia ser problemática em virtude, não raro, de falta de convergência epistemológica ou metodológica, mas nesta nossa pesquisa, cada referencial foi necessário para alcançarmos os objetivos propostos. Em princípio, o tema em pauta requer uma fundamentação teórica sobre tradução; escolhemos a proposta de Nord (2012), cujo viés é funcionalista. Desse modo, pudemos alinhar tradução a motivações

linguísticas pautadas em referencial teórico também funcionalista sobre as categorias tempo, aspecto e modalidade, visto que nosso objeto é o pretérito, seja em sua forma simples, seja em sua forma composta. Na execução da pesquisa, em virtude de ter sido realizada em sala de aula, foi necessário suporte didático, razão por que utilizamos a proposta de sequência didática, advinda da escola de Genebra (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

É no processo de tradução que surgem adversidades, já que o objeto aqui considerado tem, de acordo com a tradição gramatical, acepções parcialmente diferentes. Em linhas gerais, em Português, o pretérito perfeito simples (doravante PPS) é caracterizado como aquele que codifica uma ação passada em relação ao momento de fala; já o pretérito perfeito composto (doravante PPC) é caracterizado, atualmente, como forma que exprime ou repetição ou continuidade presente. Em Espanhol, em geral, nota-se que ambas as formas codificam anterioridade, mas a composta se insere dentro da zona temporal do presente, tem relevância presente¹. Para que haja eficácia na tradução, é necessário que o tradutor avalie se esses traços temporais e aspectuais da língua fonte estão claramente representados na língua alvo. Além de tempo e aspecto, a modalidade é outro fator que merece destaque, tendo em vista haver, na América hispânica, como veremos mais adiante, mais certeza atrelada ao PPS do que ao PPC². Cremos que essa consciência seja necessária, por isso selecionamos um texto autêntico (um conto – variedade do Espanhol mexicano) em que há tanto dados de PPS quanto de PPC, para mostrar como se comportam, em relação às categorias tempo, aspecto e modalidade, as traduções realizadas por estudantes universitários de Espanhol, falantes nativos de Português.

¹ Há variedades do Espanhol em que o PPS também ocorre dentro da zona temporal do presente.

² Os valores descritos neste trabalho, nem sempre são verificados em todas as variedades do Espanhol.

2. Tradução Funcionalista

Reiss e Vermeer (1996), fundadores da abordagem funcionalista da tradução, partem da premissa de que a língua faz parte da cultura, isto é, constitui o modo convencional, utilizado por uma comunidade cultural, para pensar e se comunicar. A cultura é, conforme Reiss e Vermeer (1996, p. 20), o “conjunto das normas e convenções vigentes em uma sociedade, tais como todos os comportamentos a que estas dão lugar e os produtos resultantes destes”³. Para os autores, uma teoria da tradução não pode relegar mudanças de valor pelas quais textos e elementos textuais passam a ser transferidos a outra cultura. Ao traduzir, devemos ser, portanto, bi culturais, ou seja, conhecer tanto a cultura de partida quanto a de chegada, pois o valor de um acontecimento pode variar, quando traduzido a outra cultura.

A perspectiva desses autores, de que a tradução não se limita apenas a um processo linguístico, mas é um processo cultural, é retomada e sistematizada por Nord (2012), visando à formação de tradutores. Segundo Nord (2012), não será suficiente, para tornar-se uma tradução funcional, que se analise um texto verificando apenas os aspectos linguísticos; é essencial ultrapassar a barreira linguística, isto é, considerar o contexto cultural, no qual o texto foi produzido e o contexto cultural do público que receberá a tradução. Sendo assim, o modelo da autora leva em conta fatores extratextuais e fatores intratextuais.

De acordo com Leal (2005), os fatores extratextuais englobam elementos como o produtor e o emissor do texto e suas intenções, o receptor, o meio no qual o texto é veiculado, o tempo e o local da comunicação, o motivo para a produção do texto e a função textual. Já os fatores intratextuais englobam o estilo, o tema e o conteúdo do texto, as pressuposições, as hierarquias textuais, a macro e microestrutura, os

³ Nossa tradução da versão espanhola, Reiss e Vermeer (1996, p. 20): “conjunto de las normas e convenciones vigentes en una sociedad, así como todos los comportamientos a que éstas dan lugar y los productos resultantes de dichos comportamientos”

elementos não-verbais, o léxico, a estrutural frasal e a fonologia. Para Nord (2012), esse modelo possibilita maior compreensão do texto base, o que é essencial para ajudar nas escolhas tradutórias. Ademais, Nord (1991) julga ser necessário que a análise entre tais fatores se interligue e não se restrinja sobre si, resultando em um movimento circular de ida e volta, no qual as decisões tomadas no ato tradutório façam com que o tradutor repense as decisões tomadas anteriormente, além de trazer implicações para as decisões tradutórias posteriores.

Atentar para a tradução de maneira mais holística, considerando diversos fatores, como sugere Nord, foi o que nos conduziu à pesquisa ora proposta: não se trata de simples tradução do PPS e do PPC do Espanhol ao Português, mas de análise prévia de traços que configuram tais formas, traços advindos do item lexical e do contexto. Desse modo, trazemos à tona mais elementos para tornar a tradução funcional, ou seja, especificidades sobre tempo, aspecto e modalidade.

3. Tempo, aspecto e modalidade: viés teórico

Optamos por explorar o complexo tempo-aspecto-modalidade nesta pesquisa, a partir das propostas de Givón (1984, 1995, 2001), pois julgamos que o PPS e o PPC, por serem caracterizados por valores temporais, aspectuais e modais, não devem ser traduzidos antes de conferir se os traços da língua fonte foram devidamente repassados à língua alvo. Portanto, ao trabalharmos com a junção das categorias tempo, aspecto e modalidade, aprofundamos a análise linguística em relação aos valores do Pretérito Perfeito do Indicativo, nesse par linguístico.

Consideramos para nossa análise os seguintes elementos: a) valores temporais (por meio de advérbios e marcadores temporais – âncoras temporais); b) valores aspectuais (perfectividade e imperfectividade) e c) valores modais (certeza ou incerteza). Esses valores são a seguir retomados, por meio de breve revisão da literatura, por isso muitos autores renomados não estão aqui citados; apenas

objetivamos mostrar como certos traços têm ganhado relevância, portanto não poderiam ser desconsiderados em processos tradutórios.

3.1. Tempo, aspecto e modalidade em Português

O PPS expressa uma ação que aconteceu no passado, do ponto de vista de um observador situado em um momento presente (CUNHA; CINTRA, 1985). A este valor temporal, acrescentam os autores o aspectual, em consonância com Boléo (1936), ao dizer que o PPS pode exprimir uma ação durativa ou iterativa, no entanto, deve vir acompanhado de advérbios ou locuções adverbiais, como nos exemplos a seguir, em que o valor de duração (em 1) e o de iteração (em 2) decorrem das expressões adverbiais e não dos verbos isoladamente.

(1) Vinte anos farejei a terra, tu *foste* sempre o meu genro escolhido.

(2) Dizei-lhe que também dos portugueses / alguns traidores *houve* algumas vezes.

Já o PPC, segundo Castilho (2010), classifica-se como: a) pretérito perfeito real, indicando anterioridade que se estende até o presente (pretérito perfeito durativo e pretérito perfeito iterativo, como ilustram, respectivamente, os exemplos 3 e 4); b) pretérito perfeito metafórico (usado em lugar do pretérito perfeito simples na finalização de discursos, como em 5, e do mais-que-perfeito do indicativo, na sentença complexa condicional, como em 6).

(3) *Tem andado* muito alegre, é uma tonta.

(4) *Tenho perdido* muitos amigos por causa desse meu gênio.

(5) *Tenho chegado* ao final de minhas considerações.

(6) Se eu *tenho sabido* disto a tempo, não vinha a esta reunião.

Essas primeiras observações mostram que o PPS indica uma ação que se produziu em certo momento do passado e que o PPC exprime, geralmente, repetição de um ato ou continuidade até o presente. A título de ilustração, vejamos a comparação apresentada por Barbosa (2003), a partir de definições de diferentes gramáticas.

Quadro 1 – Definições do PPS e do PPC em gramáticas tradicionais.

GRAMÁTICOS	PERFEITO SIMPLES	PERFEITO COMPOSTO
Eduardo Carlos Pereira (1927)	É o passado absoluto. A ação tem origem e conclusão no passado sem relação com o presente (a não ser relação de anterioridade).	Indica uma ação que não só é anterior ao presente, mas também os resultados duram até o presente.
A. Epiphânio da Silva Dias (1933)	Emprega-se quando nos transportando com os pensamentos para o passado, registramos acontecimentos que se deram como momentos históricos.	Expressa a continuidade ou a repetição de uma ação desde um momento passado até o momento em que falamos.
Gladstone Chaves Melo (1968)	Situa no passado uma ação completa.	Indica que a ação, repetida, continua do passado até o presente Indica uma ação habitual ou frequente.
Celso Cunha (1970)	Expressa uma ação acabada (concluída).	Exprime a repetição de um ato ou sua continuidade até o presente em que falamos.

Fonte: Barbosa (2003, p. 51).

Mota (1998) e Barbosa (2003, 2008) consideram que o PPC, no Português Brasileiro, está em desuso, o que pode acarretar uma série de dificuldades, entre elas, o ensino do PPC do Espanhol para aprendizes brasileiros, observação corroborada por Pontes (2009): ao aprender uma Língua Estrangeira, nós nos apoiamos em nossa Língua Materna. A baixa frequência de uso, conforme Barbosa (2008), decorre de contextos que admitem estes dois tempos e, também, o presente do indicativo, como uma situação que se prolonga até o momento de fala. Vejamos:

(7) Gabriele *mora* nos Estados Unidos desde que nasceu. (BARBOSA, 2008, p. 92)

Gabriele sempre *morou* nos Estados Unidos. (BARBOSA, 2008, p. 92)

Gabriele *tem morado* nos Estados Unidos (sempre/desde que nasceu). (BARBOSA, 2008, p. 93)

Ademais, como pontua Barbosa (2008), nem sempre é possível utilizar o PPC para se referir a uma situação que se estende até o presente, como ocorre em (08). O presente do indicativo junto a um adjunto adverbial é a alternativa, já que, se fosse o PPS, ficaria subentendido que Gabriele morou nos Estados Unidos 10 anos, antes do momento da enunciação, porém não mora mais.

(8) *Faz dez anos que Gabriele *tem morado* nos Estados Unidos. (BARBOSA, 2008, p. 93)

No tocante aos estudos sobre aspecto do Português, o de Castilho (1967) foi pioneiro, ao considerar fundamentais quatro valores aspectuais, a partir das noções de verbos télicos e atélicos:

Quadro 2 – Valores aspectuais do Português.

VALOR	ASPECTO		
Duração	Imperfectivo	Inceptivo	(atélico)
		Cursivo	
		Terminativo	
Completamento	Perfectivo	Pontual	(télico)
		Resultativo	
		Cessativo	
Repetição	Iterativo	Perfectivo	(télico e atélico)
		Imperfectivo	
Neutralidade	Indeterminado		

Fonte: Castilho (1967).

Travaglia (1994) define aspecto como “uma categoria verbal de tempo, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas

podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização (TRAVAGLIA, 1994). Ruiz (1992) já havia seguido essa direção: tempo dêítico e aspecto não-dêítico, este classificado em duas faces: a) perfeito e b) imperfeito, as quais sempre estão associadas a um ponto de referência. Em contrapartida, Ilari (1996) pondera que, além da oposição perfeito/imperfeito, é importante observar outros valores aspectuais (iterativo, durativo e pontual). Apoiando-se na classificação proposta por Vendler (1967), o autor distingue três classes de processos em Português: a) processos pontuais, contrários à ideia de duração; b) processos duráveis, que expressam a noção de “tempo empregado” e c) processos duráveis, com a ideia de “tempo escoado”, respectivamente ilustrados abaixo com exemplos de Gabardo (2001).

(9) Maria *matou* a charada (naquele exato instante). (GABARDO, 2001, p. 46)

(10) Em 30 anos de carreira ele só *escreveu* um artigo de 8 páginas. (GABARDO, 2001, p. 47)

(11) *Fiz* os trabalhos de 4 matérias em uma semana. (GABARDO, 2001, p. 47)

Barbosa (2008) também considera a expressão do aspecto decorrente de ação conjunta de mais de um elemento, tais como flexão verbal, adjuntos adverbiais, perífrases verbais, repetição do verbo, complemento do verbo etc., o que torna difícil saber, em muitos casos, qual elemento expressa o aspecto. Por isso, ao referir-se ao aspecto, a autora fala em recursos de expressão.

A terceira categoria sobre a qual nos debruçamos é a modalidade, expressa por diferentes meios linguísticos: a) verbos auxiliares modais – *deve* ser; b) verbos de significação plena – *acho* que; c) advérbios de valor modal – *talvez*; d) adjetivo em posição predicativa – *é impossível*; e) substantivo – *impressão* e f) categorias gramaticais (Tempo, Aspecto, Modo) – talvez *tenha sido* (NEVES, 1996). Para tratar dos pretéritos

em foco, interessa-nos, particularmente, o modo, um dos meios de manifestação da modalidade. Intentamos verificar se, de fato, como atestam as gramáticas, o uso do pretérito perfeito indicativo estaria atrelado à certeza.

Conforme Cunha e Cintra (1985), com o modo indicativo, exprime-se, em geral, uma ação ou um estado, considerados em sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro (conforme exemplo 12). Em contrapartida, ao empregarmos o modo subjuntivo, nossa atitude é totalmente diversa, pois encaramos a existência ou não do fato como algo incerto, duvidoso, eventual ou, até mesmo, irreal (conforme exemplo 13). Comparemos as frases:

(12) Afirmo que ela *tem estudado*. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 454)

(13) Duvido que ela *tenha estudado*. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 454)

Em relação aos estudos linguísticos, Oliveira (2003), ao examinar dados do Português, concluiu que a relação entre os modos subjuntivo e indicativo e suas respectivas distinções modais não é estanque: cada modo pode associar-se a mais de uma modalidade de acordo com o contexto discursivo. Como ilustração, podemos citar a pesquisa de Domingos (2004): ao analisar a variação dos tempos/modos verbais pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo em orações subordinadas, a autora verificou que a noção de modalidade correspondente à certeza/incerteza é obtida pelo contexto e não pela flexão verbal, ou seja, a questão examinada é discursiva e não morfológica. Desse modo, formas do passado do indicativo podem, também, expressar a noção de incerteza, a depender do contexto pragmático-discursivo. Resta-nos saber se isso também ocorre com o PPS e com o PPC.

3.2. Tempo, aspecto e modalidade em Espanhol

O PPS, conforme Castro (1996), tem as seguintes acepções em Espanhol, respectivamente ilustradas abaixo: a) expressar ações terminadas, realizadas em uma unidade de Tempo que o falante considera sem continuação no presente (com marcadores temporais pré-hodiernos: *ayer, anteayer, el año pasado* etc.); b) referir-se a uma unidade de tempo ou espaço temporal no qual já não está o falante; c) falar de quantidades de tempo determinadas; d) contar fatos ou ações como algo independente, não como costumes; e) ordenar as ações, quando há várias, ou interrompê-las no seu transcurso; f) dar opinião.

(14) *Ayer mi amiga y yo fuimos al cine. / Ontem eu e minha amiga fomos ao cinema.*

(15) *Lloré mucho, cuando mi hija nació. / Eu chorei muito, quando a minha filha nasceu.*

(16) *El último mundial ocurrió en Brasil, en 2014. / A última Copa do Mundo aconteceu no Brasil, em 2014.*

(17) *Una vez viajé a Madrid para asistir un concierto de mi cantante preferido. / Uma vez, eu viajei para Madri para ver o show do meu cantor favorito.*

(18) *Desperté, me duché, desayuné y fui a la escuela. / Acordei, tomei banho, tomei café da manhã e fui para a escola.*

(19) *Yo tampoco creí que era verdad lo que la gente había hablado. / Eu também não acreditei que era verdade o que as pessoas tinham falado.*

Já o PPC, segundo Matte Bon (2010), geralmente, codifica ações acompanhadas por marcadores hodiernos, ou seja, que se referem a períodos temporais inacabados ou definidos em relação ao momento de fala, sendo incompatível com marcadores temporais que remetem a um período temporal acabado. Possui, de acordo com

Gutiérrez Araus (1997), as seguintes características: a) passado continuativo com resultado no presente – os resultados da ação passada ainda perduram no momento de enunciação; b) antepresente – refere-se a um tempo passado anterior ao tempo atual; e c) passado para enfatizar uma forma narrativa – é posto pelo falante para dar maior ênfase e emoção a uma ação passada concluída.

Dos tempos do passado da Língua Espanhola, o PPS é utilizado para informar sobre fatos passados (contar os fatos em si, sem criar nenhuma perspectiva específica), já o PPC, por sua vez, quando é empregado, não é do interesse do enunciador contar o fato a que se refere em si, pois a ação passada pode constituir uma explicação da situação descrita no presente do indicativo ou continuar sendo relevante em dita situação (MATTE BON, 2010). As duas formas indicam anterioridade, porém, de acordo com Cartagena (1999), enquanto a forma simples a indica por si só, a composta insere-se dentro da zona temporal do presente. Corrobora essa visão a de Gutiérrez Araus (1997), para quem o PPC, no que se refere à temporalidade, faz parte de um plano atual, em contrapartida, o PPS é uma forma absoluta do passado, ou seja, não tem relação com o presente.

Tais visões, entretanto, podem ser questionáveis, visto que há estudos linguísticos que mostram que, dependendo da região dialetal, o falante pode optar pelo uso frequente do PPS em todos os contextos. Por exemplo, Santos (2009) constatou que Cidade do México e Buenos Aires apresentam uso predominante do PPS; Paixão (2011) afirma que o PPC apresenta grandes divergências de uso entre línguas românicas distintas e, ainda, entre variantes dialetais e sociais de uma mesma língua; Oliveira (2007, 2010) afirma ser possível encontrar, em contexto hodierno, a forma verbal simples nas variedades dos seguintes países analisados em sua pesquisa de mestrado (OLIVEIRA, 2007): Espanha, Bolívia, Peru, Chile, Argentina, Cuba e México. Já Harris (1982) havia detectado, dentre os valores do PPC, variação com o PPS. Outro dado relevante é o fato de as formas serem usadas com diferentes valores, mas não os

previstos na tradição. Para Alcaine (2007), devido ao contato com o *quéchua*, falantes de variedades hispânicas pertencentes ao âmbito andino fazem uso tanto do PPS quanto do PPC, mas selecionam a forma simples para transmitir uma experiência vivida e a forma composta para referir-se a um fato não presenciado, de que não se tem certeza e tampouco pretende o indivíduo comprometer-se com a veracidade da informação.

Sobre o aspecto em Espanhol, Pontes (2012) chama atenção para o fato de as gramáticas de Língua Espanhola, no estudo da morfologia do verbo, de modo geral, não o apresentarem. Rojo e Veiga (1999) mostram que a configuração habitual das formas verbais e suas terminologias eram feitas a partir da oposição formas simples/formas compostas. Entretanto, surgiu o problema de como classificar o Pretérito Perfeito, pois a forma simples expressa um evento concluído, o que se opõe à forma composta. Para solucionar essa implicatura, a *Real Academia Española* (RAE)⁴ passou a classificar a forma simples como indefinida, por conta do seu caráter indeterminado em algumas situações, como, por exemplo, nos eventos sem ponto de referência. Já Alarcos Llorach (1994) considera impossível buscar diferenças aspectuais, pois ambas as formas são perfectivas, sendo a distinção meramente temporal, como em:

(20) *Leí* mucho. / Li muito. (ALARCOS LLORACH, 1994, p. 20)

(21) *He leído* mucho. / Li muito. (ALARCOS LLORACH, 1994, p. 20)

No entanto, a maioria dos estudiosos tem observado algumas peculiaridades aspectuais. García Fernández (2006), por exemplo, a partir da relação entre o tempo da situação (TS) e o tempo do foco (TF), propõe cinco tipos de aspectos, os quais apresentamos na tabela a seguir:

⁴ Atualmente, a RAE começou a usar a nomenclatura *Pretérito Perfecto Simple*.

Quadro 3 – Tipos de aspectos propostos por García Fernández.

TIPOS	CONSIDERAÇÕES	EXEMPLOS
Imperfeito	O TF está incluído no TS. Focaliza a parte interna da situação sem mencionar o início ou o final.	Hace dos días Juan pintaba su casa. / Faz dois dias que Juan pintava sua casa.
Perfectivo ou Aoristo	O TF inclui todo o TS, desde seu início a sua finalização.	El presidente leyó su discurso a las ocho. / O presidente leu o seu discurso às oito.
Perfeito	O TF é posterior ao TS. Esta variedade aspectual enfatiza os resultados do evento.	Hace dos días Juan ya había pintado su casa. / Fazia dois dias que Juan já tinha pintado a casa.
Prospectivo	O TF é anterior ao TS.	Hace dos días Juan iba a pintar su casa. / Fazia dois dias que Juan ia pintar a sua casa.
Continuativo	O TF abrange o início do TS até um ponto interno de seu desenvolvimento.	Juan lleva dos horas pintando su casa. / Juan gasta duas horas pintando a sua casa.

Fonte: Tabela elaborada a partir dos pressupostos teóricos de Pontes (2012, p. 47 e 48) e García Fernández (2006, p. 45).

Também Pontes (2012) considera que o PPS é usado para expressar uma ação distante e acabada (conforme exemplo 23) e o PPC é utilizado para expressar uma ação acabada, porém recente (conforme exemplo 22). Entretanto, ressalta que se trata de uma proximidade relativa, pois podemos utilizar “este século” (como em 24) e mesmo assim indicar proximidade do falante.

(22) Esta mañana *he desayunado* temprano. / Esta semana, eu tomei café da manhã cedo. (PONTES, 2012, p. 58)

(23) Ayer *desayuné* temprano. / Ontem, eu tomei café da manhã cedo. (PONTES, 2012, p. 58)

(24) Este siglo *ha sido* muy provechoso para la humanidad. / Este século foi muito proveitoso para a humanidade. (PONTES, 2012, p. 58)

Quanto à modalidade, tanto em Português, como no Espanhol, pode ser codificada por diversas formas, dentre as quais destacamos o modo verbal (PONTES, 2012). Conforme Milani (2006), as formas verbais do modo indicativo, geralmente, expressam a oposição realidade/não realidade das ações, no sentido de ser possível

realizá-las; em oposição, as do modo subjuntivo expressam ações hipotéticas, que podem ou não ter sido realizadas ou, ainda, realizar-se.

Para Pontes (2012), a escolha entre o modo indicativo e o modo subjuntivo, na maioria das vezes, depende do grau de segurança que se tem ou pretende se dar à realização ou não do fato. Ao compararmos os exemplos (25) e (26), é notório o fato de haver mais dúvida em (25) do que em (26), pois o modo subjuntivo exprime ideia de incerteza. Para além disso, nestes exemplos, a ideia de incerteza se constrói, também, pelo predadores “Espero que” e “Seguro”. Em geral, atribuímos ao modo indicativo uma perspectiva objetiva, um grau de certeza de realização do fato; em contrapartida, atribuímos ao modo subjuntivo uma perspectiva subjetiva, com um grau de incerteza de realização do fato, o qual pode ser reforçado pelo tempo verbal (como, por exemplo, o futuro) e por advérbios de dúvida (como, por exemplo, *talvez*).

(25) Espero que vuelvan. / Espero que voltem. (PONTES, 2012, p. 72)

(26) Seguro que volverán. / Tenho certeza de que voltarão. (PONTES, 2012, p. 72)

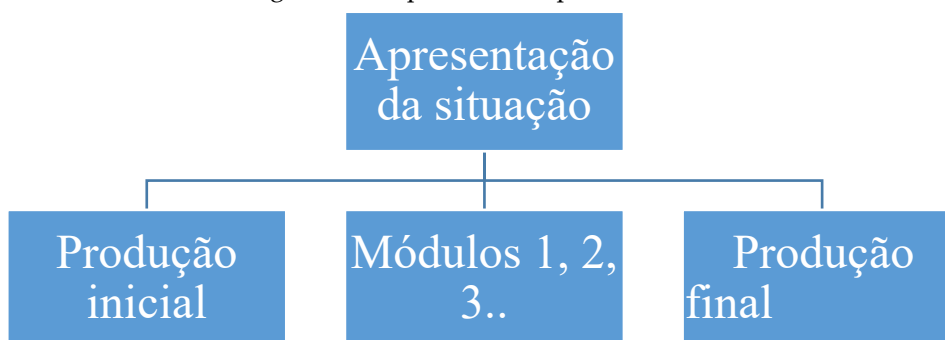
Não somente o modo, mas outros meios linguísticos, também podem expressar a Modalidade no Espanhol, por isso, adaptamos a proposta de Neves (1996) à Língua Espanhola: a) perífrases modais de infinitivo (*Tienes que salir del trabajo más temprano. / Tens que sair do trabalho mais cedo.*); b) verbos de opinião (no indicativo, para expressar afirmação e, no subjuntivo, para expressar negação: *Creo que María tiene mucho dinero. / Acredito que Maria tem muito dinheiro. No creo que Maria tenga mucho dinero. / Não acredito que Maria tenha muito dinheiro.*); c) adjetivos, advérbios e substantivos de valor modal (*Está claro que ella volverá. Quizás ella apruebe. Es una locura pensar que ella aún volverá. / Está claro que ela voltará. Talvez ela passe. É uma loucura pensar que ela ainda voltará.*); d) tempo, aspecto e modo (*Me encantaría... / Eu gostaria...*).

Corroborando Dias (2004), julgamos que a categoria Modalidade é importante para a análise do Pretérito Perfeito do indicativo, pois a oposição entre PPS e PPC na América Hispânica não está atrelada especificamente aos marcadores temporais. Essa oposição, conforme Duarte, Coan e Pontes (2016), após análise de jornais regionais da Argentina, advém, também, do nível de certeza: os modalizadores de certeza condicionam o PPS e os de incerteza, o PPC.

4. Procedimentos metodológicos

Para efetivarmos nossa pesquisa sobre a tradução dos pretéritos perfeito simples e composto da Língua Espanhola à Língua Portuguesa, duas etapas de tradução foram metodologicamente necessárias: na primeira, fizemos um diagnóstico da tradução de um fragmento do conto “¡Diles que no me maten!”, de Juan Rulfo, realizada por alunos da Graduação Letras-Espanhol da Universidade Federal do Ceará – Brasil, matriculados na disciplina de Introdução aos Estudos da Tradução; na segunda etapa, nova tradução foi feita, porém o foi após termos aplicado uma sequência didática (SD), conforme figura abaixo, sobre tradução em perspectiva funcionalista, na qual exploramos traços necessários à efetiva tradução dos pretéritos sob análise. A essas duas etapas tradutórias seguem resultados de uma sondagem acerca do ensino da tradução por meio de sequência didática, especificamente, sobre a tradução do PPS e do PPC, objetos desta investigação.

Figura 1 – Esquema de Sequência Didática.



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Na apresentação da proposta, consideramos: características do gênero conto; contextualização do conto “¡Diles que no me maten!”, a partir da exibição de vídeos, e leitura do fragmento abaixo, objeto da tradução. Pressupostos de Nord (2012) foram utilizados nessa fase com o intuito de mostrar a relevância do conhecimento prévio sobre o tema e sobre o conteúdo do texto-fonte para uma tradução funcional. A autora destaca a interrelação entre fatores extratextuais e intratextuais expressa a partir das seguintes perguntas, conforme Nord (2012): “Quem transmite? Para quê? Para quem? Por qual meio, onde, quando e por quê? Qual a função do texto? Sobre qual tema trata? Qual informação? Em qual ordem? Usando quais elementos não verbais? Quais palavras? Qual tipo de frase? Qual tom? Com qual efeito?” (p. 42, tradução nossa da versão espanhola).

Quadro 4 – Fragmento do conto *!Diles que no me maten!*, de Juan Rulfo.

Luego, como queriendo decir algo, miraba a los hombres que iban junto a él. Iba a decirles que lo soltaran, que lo dejaran que se fuera: "Yo no le **he hecho** daño a nadie, muchachos", iba a decirles, pero se quedaba callado. "Más adelantito se los diré", pensaba. Y sólo los veía. Podía hasta imaginar que eran sus amigos; pero no quería hacerlo. No lo eran. No sabía quiénes eran. Los veía a su lado ladeándose y agachándose de vez en cuando para ver por dónde seguía el camino.

Los había visto por primera vez al pardear de la tarde, en esa hora desteñida en que todo parece chamuscado. Habían atravesado los surcos pisando la milpa tierna. Y él había bajado a eso: a decirles que allí estaba comenzando a crecer la milpa. Pero ellos no **se detuvieron**.

Los había visto con tiempo. Siempre **tuvo** la suerte de ver con tiempo todo. **Pudo** haberse escondido, caminar unas cuantas horas por el cerro mientras ellos se iban y después volver a bajar. Al fin y al cabo la milpa no se lograría de ningún modo. Ya era tiempo de que hubieran venido las aguas y las aguas no aparecían y la milpa comenzaba a marchitarse. No tardaría en estar seca del todo.

Así que ni valía la pena de haber bajado; haberse metido entre aquellos hombres como en un agujero, para ya no volver a salir.

Y ahora seguía junto a ellos, aguantándose las ganas de decirles que lo soltaran. No les veía la cara; sólo veía los bultos que se repegaban o se separaban de él. De manera que cuando **se puso** a hablar, no **supo** si lo habían oído. **Dijo**:

-Yo nunca le **he hecho** daño a nadie -**eso dijo**. Pero nada **cambió**. Ninguno de los bultos **pareció** darse cuenta. Las caras no **se volvieron** a verlo. Siguieron igual, como si hubieran venido dormidos.

Entonces **pensó** que no tenía nada más que decir, que tendría que buscar la esperanza en algún otro lado. **Dejó** caer otra vez los brazos y **entró** en las primeras casas del pueblo en medio de aquellos cuatro hombres oscurecidos por el color negro de la noche.

-Mi coronel, aquí está el hombre.

Se habían detenido delante del boquete de la puerta. Él, con el sombrero en la mano, por respeto, esperando ver salir a alguien. Pero sólo **salió** la voz:

-¿Cuál hombre? **-preguntaron.**

-El de Palo de Venado, mi coronel. El que usted nos **mandó** a traer.

-Pregúntale que si **ha vivido** alguna vez en Alima **-volvió** a decir la voz de allá adentro.

-¡Ey, tú! ¿Que si **has habitado** en Alima? **-repitió** la pregunta el sargento que estaba frente a él.

-Sí. Dile al coronel que de allá mismo soy. Y que allí **he vivido** hasta hace poco.

-Pregúntale que si **conoció** a Guadalupe Terreros.

-Que dizque si **conociste** a Guadalupe Terreros.

-¿A don Lupe? Sí. Dile que sí lo **conocí**. Ya **murió**.

Entonces la voz de allá adentro **cambió** de tono:

-Ya sé que **murió -dijo-**. Y **siguió** hablando como si platicara con alguien allá, al otro lado de la pared de carrizos:

-Guadalupe Terreros era mi padre. Cuando **crecí** y lo **busqué** me **dijeron** que estaba muerto. Es algo difícil crecer sabiendo que la cosa de donde podemos agarrarnos para enraizar está muerta. Con nosotros, eso **pasó**.

Fonte: Rulfo (2007, p. 3 e 4).

A produção inicial, visando à aprendizagem cooperativa, foi realizada em grupos, cada qual com 5 ou 6 alunos. Desses grupos, dois foram selecionados para compor a amostra desta pesquisa. A partir do diagnóstico da produção inicial, propomos aos estudantes módulos referentes aos pretéritos, especificamente, análise de traços temporais, aspectuais e modais necessários à efetiva tradução. Na última etapa, para a produção da versão final, a expectativa era a da incorporação de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados no decorrer dos módulos. Para dar visibilidade ao trabalho, a última versão foi publicada em uma página do *Facebook*, intitulada “Contos hispânicos traduzidos”.

5. Primeira tradução *versus* tradução final: contrastes temporais, aspectuais e modais

Considerando as traduções das formas de PPS e PPC nas duas versões produzidas pelos dois grupos de tradutores, observamos que houve mudanças entre a produção inicial e a produção final, fato que comprova a eficácia da SD acerca dos valores desses tempos verbais no par linguístico Espanhol-Português. Em cada uma das seções que seguem, mostramos quantitativos tradutórios que comparam formas

de PPS e PPC da primeira e da segunda produções. São 36 dados sob análise, sendo 31 de formas do pretérito perfeito simples (PPS) e 05 do pretérito perfeito composto (PPC) do texto original. A análise é pautada nas seguintes perguntas: a) Há adaptação de marcadores temporais junto ao PPS e ao PPC, de acordo com a Língua Meta? b) Os valores aspectuais (de perfectividade ou de imperfectividade) são mantidos? c) O sentido modal (de mais ou de menos certeza) do texto base é mantido no texto meta?

5.1. Resultados do G1: tradução inicial e tradução final

Após a aplicação da sequência didática, o primeiro grupo – G1, realizou algumas modificações na versão final do texto, com o propósito de adaptar o Texto Meta ao encargo de tradução. Dos 36 dados, encontramos 07 dados com marcadores temporais explícitos. O primeiro grupo equivocou-se, apenas, na adaptação dos marcadores “nunca” e “alguna vez”. Vejamos:

(27) Yo no le *he hecho* daño a nadie, muchachos.

1a. tradução: Eu não *causei* dano a ninguém, rapazes.

2a. tradução: Gente, eu nunca fiz mal a ninguém.

(28) Pregúntale que si *ha vivido* alguna vez en Alima.

1a. tradução: Pergunte a ele se ele *tinha vivido* uma vez em Alima.

2a. tradução: Pergunte a ele se ele *viveu* alguma vez em Alima.

Como podemos observar, o uso do PPC expressa um acontecimento que tem relação com o presente. Em (27), o uso do PPC (*he hecho*) junto a um marcador temporal hodierno (*nunca*) indica que a ação de não fazer mal perdura até o momento de fala. Sentido que foi mantido, quando a sentença foi retextualizada na segunda tradução, após a aplicação dos módulos. Segundo Barbosa (2003, 2008), no Português Brasileiro, as ações que se prolongam até o momento de fala podem ser expressas tanto pelo PPC quanto pelo PPS + adjuntos, por isso o G1 inseriu o marcador temporal “nunca”, na segunda versão, para transferir o valor durativo à tradução em Português.

Em (28), subtende-se que a ação passada ainda faz parte do momento presente. Na primeira tradução, o grupo traduziu a forma “alguna vez” por “uma vez”. Logo, no texto em Português, perdeu-se o valor durativo e a ação ficou ancorada, temporalmente, em um momento pontual do passado. Além disso, o grupo, na primeira versão, traduziu o PPC pelo pretérito mais-que-perfeito composto do Português, mas corrigiu a forma verbal, bem como o marcador temporal, com o objetivo de transpor os valores temporais e aspectuais para a língua meta. Conforme Barbosa (2003) e Mota (1998), apesar de a norma padrão associar ao PPC as ações que perduram até o presente, no Português brasileiro, há uma tendência de usar a forma simples do pretérito perfeito frente à forma composta. Posto isso, salientamos, corroborando Barbosa (2008), que também é natural usar o presente do indicativo para expressar esse valor resultativo. É o que se verifica no exemplo abaixo.

(29) Y que allí he vivido hasta hace poco.

1a. *tradução*: E que ali vivi até pouco tempo.

2a. *tradução*: E que ali vivi até pouco tempo.

O personagem (Juvencio) utiliza o PPC, considerando a ação passada ainda recente, isto é, faz pouco tempo que ele deixou de viver em Alima, como nos informa o marcador temporal “hace poco”, o que condiz com os pressupostos teóricos de Gutiérrez Araus (1997), visto que, no que se refere à temporalidade, a ação ainda faz parte de um plano atual. No entanto, como podemos observar, no texto original, utilizou-se o PPC, mas no texto traduzido utilizou-se o presente, embora o adjunto temporal tenha sido mantido, possivelmente porque esses tempos verbais não possuem equivalências perfeitas entre a Língua Espanhola e a Língua Portuguesa.

Em relação às 29 ocorrências sem marcador temporal, todos os grupos procederam à análise contextual, do que decorreram traduções que mantiveram os valores temporais do texto base. Os dados foram assim traduzidos: 02 ocorrências de

PPC traduzidas para o PPS do Português e 27 ocorrências de PPS também traduzidas para o PPS do Português.

Ao observarmos os dados, considerando nossa segunda pergunta de partida referente aos valores aspectuais, percebemos que, das 36 formas verbais de passado, apenas 09 denotam valores imperfectivos; as outras 27 formas denotam valores perfectivos. Os alunos não apresentaram dificuldades na transposição de valores perfectivos, mas houve dificuldades em 5 dados, no que tange à transposição dos valores imperfectivos para o texto em Português. A título de ilustração, vejamos dois desses casos.

(30) - Siempre tuvo la suerte...

1a. *tradução*: Sempre tenho sorte...

2a. *tradução*: Sempre teve sorte...

(31) Pregúntale que si conoció a Guadalupe Terrero.

1a. *tradução*: Pergunte se conheceu Guadalupe Terrero.

2a. *tradução*: Pergunte se já conheceu Guadalupe Terrero.

O PPS, junto ao advérbio de tempo “sempre”, em (30), indica que a ação inicia no passado, mas é prolongada até o momento de fala, no entanto, ao contrário do texto base, o marcador temporal é acompanhado pelo presente na primeira tradução. Isso se deve ao fato de que, em Português, em alguns casos, o PPS, acompanhado de adjuntos, pode ter o mesmo uso que o PPC e o presente do indicativo, o que converge com a visão de Barbosa (2008), mas diverge da visão de Dias (1933), Melo (1968) e Cunha (1970), ao limitarem o uso do PPS para referir-se a uma ação passada acabada no passado (aspecto perfectivo). Na primeira versão, o grupo, no intuito de exprimir o valor durativo, traduziu a forma de passado pelo presente do indicativo. Nesse sentido, a noção de passado durativo não ganha saliência, mas sim a de presente. Contudo, na segunda versão, houve o ajuste da forma. Baseando-nos em Travaglia (1994), Pontes (2009) e Castilho (1967), ponderamos que os marcadores aspectuais

junto ao PPC (no Espanhol) e ao PPS (no Português) conferem duratividade à ação, assim, embora o passado esteja em saliência, o marcador confere ao enunciado prolongamento ao momento da enunciação.

Em (31), o PPS pode ter leitura perfectiva ou imperfectiva, mas por haver resposta positiva da personagem, julgamos que a leitura deva ser perfectiva, de semelfactividade, pois a ação é indagada como se fosse acabada, única e completa. Por vezes, conforme Nord (2012), ajustes são necessários para que a tradução seja funcional, ou seja, se o contexto não fosse considerado, poderia o grupo propor leitura imperfectiva, quando a mais adequada ao texto base é a leitura perfectiva.

No que se refere à Modalidade, para fins de exemplificação, apresentamos abaixo alguns fragmentos em que os valores modais do Pretérito Perfeito estão relacionados às crenças e às pressuposições do falante. Encontramos, em nosso *corpus*, considerando-se a perspectiva givoniana, 31 dados de asserção reais (certeza) e 05 de irrealis (incerteza).

(32) Pregúntale que si ha vivido alguna vez en Alima.

1^a. tradução: Pergunte a ele se ele viveu alguma vez em Alima.

2^a. tradução: Pergunte a ele se ele viveu alguma vez em Alima.

(33) Ya sé que murió -dijo-

1^a. tradução: Eu sei que morreu- disse.

2^a. tradução: Eu sei que morreu- disse.

(34) Pregúntale que si conoció a Guadalupe Terreros.

1^a. tradução: Pergunte a ele se conhecesse a Guadalupe Terreros.

2^a. tradução: Pergunte a ele se conheceu Guadalupe Terreros.

Com base em Dias (2004) e Alcaine (2007), julgamos, a priori, que o valor de certeza seja mais frequente com o uso do PPS e o valor de incerteza com o uso do PPC, no entanto, conforme e Givón (1995, 2001) e Neves (1996), diferentes meios linguísticos podem mobilizar tais valores: é o caso da conjunção integrante “se” e do verbo pleno

“sei” nos dois primeiros exemplos acima. Se seguirmos a proposta de Nord (1991), não podemos simplesmente traduzir PPS e PPC do Espanhol ao Português, devemos proceder à análise prévia de traços que configuram tais formas, traços advindos do item lexical e do contexto. A partir dessa análise modal, podemos inferir o grau de comprometimento do falante acerca da veracidade dos fatos. Outro dado interessante é o terceiro, em que um personagem pergunta a outro se conheceu Guadalupe Terreros: o G1 atribuiu um valor hipotético à pergunta traduzindo “conoció” pelo imperfeito do subjuntivo em Português, “conhecesse”. No entanto, mais adiante no conto, Juvencio não deixa dúvidas de que conheceu Guadalupe, o que levou o grupo, após a aplicação da sequência didática, a rever a opção modal da primeira tradução.

Os integrantes do G1 foram unânimes ao considerar que adquiriram, através da SD, conhecimento sobre os valores do Pretérito Perfeito, reiterando que utilizariam a tradução como estratégia didática para o ensino de Espanhol, tendo em vista que pode auxiliar no ensino de conteúdos gramaticais, por exemplo, no ensino dos pretéritos.

5.2. Resultados do G2: tradução inicial e tradução final

Dos 36 dados, encontramos, nas traduções do G2, 07 dados com marcadores temporais explícitos e apenas um equívoco, devido à ausência, em Português, de marcador temporal para expressar duratividade, exatamente o mesmo equívoco do G1. Em Espanhol, usa-se o PPC para expressar um evento que se prolonga até o presente; em Português, o PPS pode ter este valor quando acompanhado por adjuntos (MATTE BON, 2010; GUTIÉRREZ ARAUS, 1997; BARBOSA, 2003). Vejamos:

(35) Yo no le *he hecho* daño a nadie, muchachos. –

1ª. tradução: Eu não *causei* dano a ninguém....

2ª. tradução: Eu nunca fiz mal a ninguém.”

A continuação, apresentamos um exemplo, no qual houve a transposição adequada dos marcadores temporais:

(36) *Ya murió.*

1ª. tradução: *Já morreu.*

2ª. tradução: *Já morreu.*

Nesse fragmento, tanto no texto base quanto no texto meta, presume-se que o acontecimento já terminou (aspecto perfectivo). Ademais, em ambos os casos, o PPS vem acompanhado de um marcador temporal pré-hodierno, o que converge com os estudos de Castro (1996) e Matte Bon (2010) que associam os marcadores pré-hodieros à forma simples e os marcadores hodiernos à forma composta do Pretérito Perfeito do Espanhol. Com relação ao Português Brasileiro, Barbosa (2008) assevera que devemos usar o PPS para descrever ações passadas que se processam uma única vez, como, por exemplo, “morrer”.

Em relação aos valores aspectuais, os alunos não apresentaram dificuldades na transposição de valores perfectivos (27 dados). Por outro lado, houve dificuldades no que diz respeito à tradução dos valores imperfectivos em 02 dos 09 dados. Isso ocorre porque nem sempre é simples traduzir os valores aspectuais de uma língua a outra, pois a noção de aspecto decorre de matizes semânticos (significado inerente lexical) e formais (constituição morfossintática de natureza flexional e presença/ausência de advérbios temporais que funcionam como âncora), mas, também, de elementos oriundos do contexto pragmático-discursivo. Dessa forma, é necessário que o tradutor considere todos esses elementos, ou seja, que empreenda uma leitura composicional, nos termos de Givón (2005), Freitag (2007) e Pontes (2012). Vejamos a tradução de um exemplo por parte do G2:

(37) *Y siguió hablando como si platicara con alguien.*

1ª. tradução: *E falou como se falasse com alguém.*

2ª. tradução: *E continuou falando* como se falasse com alguém.

A situação reportada de falar tem, obviamente, um início e um final determinado (aspecto perfectivo), todavia há outros elementos que denotam que a situação passada é vista em andamento, sem comprometimento com a indicação de sua finalização inerente. O G2 traduziu a perífrase “seguir + falar” pela forma “falou” que, no Português brasileiro, não aporta o matiz de duratividade da forma perifrástica. Dessa forma, para transpor adequadamente o valor aspectual, é necessário que o tradutor procure uma perífrase que expresse esse valor na língua de chegada, ou, ainda, considerando a noção composicional do aspecto, insira um marcador aspectual que ancore, à situação reportada, a noção de duratividade, por exemplo: várias vezes, inúmeras vezes, seguidamente etc.

No que se refere à modalidade, conforme ilustrado abaixo, o G2 não apresentou inadequações para transpor os 31 dados de asserção realis (certeza) e os 05 de irrealis (incerteza). Para Givón (1995, 2001, 2005), a análise da modalidade vai desde os níveis morfológico e semântico até o nível pragmático-discursivo, razão por que o tradutor deve considerar todos esses níveis para que os mesmos efeitos de sentido do texto base sejam repassados à língua de chegada.

(38) ¿Que si *has habitado* en Alima?

1ª. tradução: *Se viveu* em Alima?

2ª. tradução: *Se viveu* em Alima?

Em Espanhol, quando tratamos da oposição modal entre PPS e PPC, verificamos, conforme Dias (2004), tendência ao uso do PPC tanto em construções interrogativas quanto dubitativas; por outro lado, no Português brasileiro, o falante utiliza apenas a forma simples em orações interrogativas e dubitativas, deixando a noção de irrealis a cargo do contexto pragmático-discursivo. O G2 apenas transpôs a forma composta da língua espanhola para a simples da língua de chegada, pois outros

elementos contextuais já garantem o mesmo sentido modal (irrealis): uso do “se” e frase interrogativa.

(39) ¿ A don Lupe? Sí. Dile que sí lo *conocí*.

1ª. *tradução*: Ao senhor Lupe? Sim. Diga-lhe que sim o *conheci*.

2ª. *tradução*: Ao senhor Lupe? Sim. Diga-lhe que sim o *conheci*.

Nesse exemplo, por conta da resposta enfática, conferida pelo duplo uso do advérbio de afirmação “sim”, inferimos que a personagem realmente conheceu Guadalupe Terreros. Disso decorre o uso da forma simples, já que o contexto é de asserção realis (certeza), nos termos de Givón (1995, 2001, 2005).

O G2 considera a tradução como importante estratégia pedagógica para a aquisição de informações sobre variação linguística, especificamente em relação ao aprendizado do PPS e do PPC do Espanhol. Destaca-se que esse grupo percebeu que, na tradução, não há correspondência biunívoca entre a língua estrangeira e a materna; que os valores do Pretérito Perfeito podem variar de acordo com a região dos hispanofalantes e que o Pretérito Perfeito do Espanhol e do Português podem apresentar diferenças temporais, aspectuais e modais. Além disso, o grupo afirma que a tradução como estratégia didática será parte de sua prática pedagógica futura.

6. Considerações finais

Decidimos explorar o complexo tempo-aspecto-modalidade nesta pesquisa, pois PPS e PPC podem ser caracterizados por valores temporais, aspectuais e modais, ora diferentes, ora semelhantes. Ao trabalharmos com as três categorias em atividades didáticas, possibilitamos análise linguística mais aprofundada, do que podem decorrer traduções mais adequadas em relação ao par linguístico Espanhol-Português.

Os equívocos de tradução decorrem, basicamente, do que segue: a) necessidade de inserção de marcadores temporais quando o PPC do Espanhol é traduzido ao Português e se quer informar que a ação perdura até o momento do fala, já que o PPS

do Português tem acepção de passado sem relevância presente; b) necessidade de inserção de marcadores aspectuais ou de uso de perífrases para que o PPS do Português tenha a mesma acepção do PPC do Espanhol; c) confirmação contextual acerca da interpretação modal, já que o PPC do Espanhol pode ter sido escolhido para desencadear interpretação irrealis.

Julgávamos que o uso de sequência didática com a tradução do gênero conto possibilitaria mais conhecimento sobre PPS e PPC, hipótese que foi confirmada por algumas alterações na segunda tradução. Nas primeiras traduções, geralmente, os grupos participantes traduziam o PPS e o PPC do Espanhol pela forma simples do pretérito perfeito do Português. Nas traduções finais, identificamos que os grupos perceberam que há diferenças nos valores do PPS e do PPC, diferenças que podem ser compensadas, na tradução, pela inclusão de marcadores temporais, aspectuais ou modais. Retomando Travaglia (2013), salientamos que o tradutor não traduz uma língua, mas textos, nos quais uma intenção comunicativa se organiza sob a forma linguística, por isso vemos a tradução como uma retextualização.

Referências Bibliográficas

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1994.

ALCAÍNE, A. **¿Son compatibles los cambios inducidos por contacto y las tendencias internas al sistema?**. Madrid, 18 de julio, 2007. Consultado em 1 de julio de 2015 em: http://web.uam.es/personal_pdi/filoyletras/alcaine/Homenaje%20zimmermann.pdf.

BARBOSA, J. B. **Os tempos do pretérito no português brasileiro: perfeito simples e perfeito composto**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2003.

_____. **Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no português**. 280f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2008.

BOLÉO, M. P. **O perfeito e o pretérito em português em confronto com outras línguas românicas**. Coimbra, 1936.

CARTAGENA, N. Los tempos compuestos. En: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Real Academia Española. Colección Nebrija & Bello. Madrid: Espasa, 1999, p. 2935-2975.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. São Paulo: ALFA de Marília, 1967.

CASTRO, F. **Uso de la gramática española (elemental)**. Madrid, Edelsa, 1996.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora Bernado Álvares S.A., 1970.

DIAS, A. E. SILVA. **Sintaxe histórica portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Clássica, 1933.

DIAS, L. S. **Uma leitura semântico-pragmática da oposição Pretérito Simple/Pretérito Compuesto no espanhol da América**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2004.

DOMINGOS, R. de F. de A. **Variação no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

DUARTE, D. K. F.; COAN, M.; PONTES, V.O. A variação entre o pretérito perfeito simples e o pretérito perfeito composto no espanhol argentino. **Signo y Seña - Revista del Instituto de Lingüística**, v. 30, p. 91-107, 2016.

FREITAG, R. M. Ko. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança.** Tese (Doutorado em Linguística)- Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2007.

GABARDO, T. L. **Reflexões sobre tempo e aspecto nas línguas portuguesa e espanhola.** Dissertação (Mestrado em Linguística da Língua Portuguesa)- Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR, 2001.

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. **Diccionario de perífrasis verbales.** Madrid: Gredos, 2006.

GIVÓN, T. Tense-Aspect-Modality. In: **Syntax: a functional-typological introduction.** V. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984, p. 269-320. <https://doi.org/10.1075/z.17>

_____. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction.** Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

_____. **Syntax: an introduction.** Amsterdam: J. Benjamins, 2001. <https://doi.org/10.1075/z.syn1>

_____. Propositional modalities. In: _____. **Context as other minds: The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 149-177. <https://doi.org/10.1075/z.130>

GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. **Formas temporales del pasado en indicativo.** Madrid: Arco/Libros, 1997.

HARRIS, M. **Studies in Romance Verb.** London: Croom Helm, 1982.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos.** São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Filologia Românica.** São Paulo, Ática, 1996.

LEAL, A. B. **Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos.** Curitiba, 110f. Monografia (Bacharelado em Letras Inglês-Português, com ênfase nos estudos da tradução). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2005.

MATTE-BON, F. **Gramática comunicativa del español: de la idea a la lengua**. Tomo II. Barcelona: Edelsa Disal, 2010.

MELO, G. C. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1968.

MILANI, E. M. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MOTA, M. S. O. **Verbo no português contemporâneo do Brasil: aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos**. Relatório do Projeto PIBIC/CNPq. Araraquara, Unesp, 1998. Consultado em 20 de junho de 2016 em https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103584/barbosa_jb_dr_arafcl.pdf?sequence=1

NEVES, M. H. M. A modalidade. En KOCH, I. V. (Org.). **Gramática do português falado: desenvolvimentos**. Campinas: Unicamp / São Paulo, 1996, p. 58-78.

NORD, C. **Text Analysis in Translation: theory, methodology and didactic application of a model of translation-oriented text analysis**. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

_____. **Texto Base-Texto Meta: Un modelo funcional de análisis pretraslativo**. Universitat Jaume I. Servei de Comunicació i Publicacions, 2012. <https://doi.org/10.6035/EstudisTraduccio.2012.19>

OLIVEIRA, F. Modalidade e Modo. In: MIRA MATEUS, M. H. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

OLIVEIRA, L. C. **As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. **Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto do espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes**. 270f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PAIXÃO, F. T. **O valor aspectual veiculado ao pretérito perfeito composto do espanhol na variante mexicana**. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, E. C. **Gramática histórica**. 5 ed. São Paulo, Nacional, 1927.

PONTES, V. O. **Abordagem das categorias verbais de tempo, aspecto e modalidade por livros didáticos de língua portuguesa e de língua espanhola: uma análise contrastiva.** Monografia apresentada no Curso de Especialização em Linguística Aplicada da Faculdade 7 de setembro, Fortaleza, 2009.

_____. **O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista.** 265f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PONTES, V. O.; COAN, M.; SOUZA, D. N. Contribuições da sociolinguística para os estudos da tradução: algumas considerações sobre a noção de equivalência. In: PONTES, V. de O.; CUNHA, R. B.; CARVALHO, E.; TAVARES, M. da G. G. (Org.). **A tradução e suas interfaces: múltiplas perspectivas.** Curitiba: CRV, 2015, p. 171-184. <https://doi.org/10.24824/978854440440.9>

REISS, K.; VERMEER, H. J. **Fundamentos para una Teoría Funcional de la Traducción.** Tradução Santa García Reina e Celia Martín de León. Edição Akal, 1996.

ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo Verbal. Los Tiempos Simples. In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (ed.) **Gramática Descriptiva de la Lengua Española.** Madrid: Espasa Calpe, 1999.

RULFO, J. ¡Diles que no me maten! In: **El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

RUIZ, T. M. B. **Aspecto: um estudo de sua expressão pelas flexões verbais.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

SANTOS, C. F. **Variação e mudança linguística dos pretéritos simples e composto, uma perspectiva sociolinguística e discursiva: amostras de Madrid, Cidade do México e Buenos Aires.** 259f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão.** 3 ed. Uberlândia, UFU, 1994.

TRAVAGLIA, N. G. **Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual.** 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2013.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967.

Artigo recebido em: 11.11.2017

Artigo aprovado em: 02.05.2018